



GARY NORTH

DINHEIRO HONESTO

O modelo bíblico para o dinheiro
e para o sistema bancário

Dinheiro honesto, de Gary North © 2022 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título *Honest money* © Gary North, 1986, 2005, Copyright © 2011, 2015 (2ª ed.) by the Mises Institute and published under the Creative Commons Attribution NonCommercial-NoDerivs 4.0 International License 4.0. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

1ª edição 2022

Conselho Editorial

Cláudio Marra (Presidente)
Christian Brially Tavares de Medeiros
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Joel Theodoro da Fonseca Jr
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho
Victor Alexandre Nascimento Ximenes

Produção Editorial

Tradução
Gabriel Lopes
Revisão
Claudete Água de Melo
Carolina Curassá Rosa de Souza
Marcos Leonardo Paixão da Silva
Editoração e capa
OM Designers Gráficos
Imagem da capa
GodoiJE/Shutterstock.com

N839d North, Gary
Dinheiro honesto / Gary North; tradução Gabriel Lopes.
– São Paulo : Cultura Cristã, 2022.
112 p.
Título original: Honest money
ISBN 978-85-7622-892-9

1. Dinheiro 2. Economia 3. Cosmvisão I. Lopes,
Gabriel II. Título

CDU-22:336

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones: 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

Introdução	7
1. O valor do dinheiro	9
2. As origens do dinheiro	20
3. Mantendo o dinheiro honesto	29
4. Degradando a moeda	38
5. O contágio da inflação	44
6. Quando o estado monopoliza o dinheiro	52
7. O sistema bancário bíblico	62
8. Reserva bancária fracionária	71
9. Protegendo os falsificadores	80
10. Um sistema monetário bíblico	92
Conclusão	102
Bibliografia	109

INTRODUÇÃO

Este é um livro sobre dinheiro, tema que tem frustrado a análise de economistas desde que existem economistas profissionais. Ao mesmo tempo, é um tema sobre o qual as pessoas mais desinformadas acreditam ter todas as respostas. Muitas vezes as pessoas mais desinformadas são os economistas.

Vou dar um exemplo. No outono de 1985, sugeri a um assistente de pesquisa do congressista americano Ron Paul que fizesse um estudo sobre o peso mexicano. Eu pensava que o aumento repentino na circulação de dinheiro pudesse ter sido causado por mexicanos trocando pesos por dólares no México. Quando ele começou a investigação, o dólar valia mais ou menos 250 pesos. Sugeri que ele perguntasse a algum economista do Federal Reserve, o banco central dos Estados Unidos, se ele achava que os mexicanos estavam acumulando dólares em espécie. Eu suspeitava que os cidadãos mexicanos estavam usando o dólar americano como substituto para o peso, que estava em queda.

Ele me ligou alguns dias depois. Dois economistas, um deles especialista em economia mexicana, lhe disseram que era pouco provável que os mexicanos estivessem acumulando dólares, pois os mexicanos podiam levar os seus dólares até um banco local, trocá-los por pesos mexicanos e o banco lhes pagaria juros em pesos.

Em uma semana, o valor do peso despencou e um dólar chegou a valer 500 pesos. Assim, qualquer pessoa que tivesse seguido o conselho do economista profissional, teria perdido metade do seu capital. Por outro lado, quem usou seus pesos para comprar dólares e se manteve longe dos bancos, dobrou seu dinheiro (pesos). Resumindo, muitos lavradores mexicanos analfabetos entendiam mais de economia prática numa economia inflacionária do que os economistas do Federal Reserve. Por algum motivo, isso não me surpreendeu.

Alguns meses depois, os jornais publicaram uma reportagem sobre um aparente desaparecimento de dólares em espécie. Ela dizia que os economistas do Federal Reserve então acreditavam que os habitantes de países estrangeiros estavam usando a moeda americana em vez das suas moedas

nacionais depreciadas. Isso mostra o verdadeiro caráter dos economistas. Eles não concordam em quase nada, exceto na necessidade de manter os economistas nas folhas de pagamento.

A crise eminente

Uma crise financeira está se formando. Ela é internacional. Todas as nações industrializadas da terra estão a caminho de uma crise que será capaz de ofuscar a crise de 1930. Não há soluções fáceis. Países entrarão em *default** numa escala maior do que o ocorrido em 2008. Na prática, as perguntas a que precisamos responder a respeito do futuro são: Quando acontecerá o *default*? Que tipo de *default* será?

Este livro faz uma pergunta diferente: quais violações dos princípios bíblicos o Ocidente cometeu para nos enfiar nessa enrascada? Ele também faz a pergunta: o que devemos construir sobre as ruínas do sistema atual depois que ele entrar em colapso?

Existem alternativas bíblicas. Se as tivéssemos adotado quinhentos anos atrás, ou cem anos atrás, ou até mesmo cinquenta anos atrás, não estaríamos diante da crise monetária que estamos enfrentando. Porém, não as adotamos, e agora a estamos enfrentando.

* Em economia, *default* indica “moratória” ou “calote”. Um país entra em *default* (ou declara *default*) quando deixa de pagar sua dívida externa. (N. do T.)

O VALOR DO DINHEIRO

Tendo-se acabado, pois, o dinheiro, na terra do Egito e na terra de Canaã, foram todos os egípcios a José e disseram: Dá-nos pão; por que haveremos de morrer em tua presença? Porquanto o dinheiro nos falta (Gn 47.15).

Em 1719, Daniel Defoe escreveu um romance sobre um homem cujo navio afundou, e que, por isso, passou 28 anos numa ilha deserta. O título do livro era *Robinson Crusóé*. Crusóé teve de enfrentar um mundo hostil. Como ele sobreviveria à falta de recursos? Ele precisava de comida, vestimenta e abrigo. Felizmente, ele conseguiu retirar do navio muitas das suas ferramentas; caso contrário não conseguiria sobreviver nem mesmo 28 dias.

Os economistas adoram usar Robinson Crusóé como exemplo em livros de introdução à economia. Por quê? Porque no início ele estava sozinho. Ao falar sobre Crusóé, os economistas não precisam começar com problemas complexos sobre a divisão do trabalho ou a troca voluntária. Apenas depois de explicar os fundamentos da produção, da poupança e da alocação de tempo e de capital, o economista apresenta Sexta-Feira, o parceiro nativo de Crusóé. Essa foi também a estratégia de Defoe.

No livro do economista, Crusóé precisa primeiro decidir quais são as suas prioridades. Qual é sua ordem de preferências? Água potável, comida, abrigo ou vestimenta? Qual necessidade ele busca satisfazer primeiro? O propósito dessa ilustração é mostrar que, num mundo com recursos limitados, uma pessoa deve tomar decisões sobre como alcançar seus objetivos. Ela não pode alcançar todos ao mesmo tempo. Deve decidir o que vai fazer – em primeiro lugar, em segundo lugar, e assim por diante, até o centésimo trigésimo quinto e quem sabe até mais – e depois deve comparar essa lista com os recursos que ela tem disponíveis, que incluem suas habilidades e o seu tempo.

Um dia ela pode colher frutos silvestres. Mas eles não duram muito tempo e, além disso, a pessoa quer comer outra coisa. Ela pode escalar um

coqueiro e colher cocos, ou pode gastar algumas horas para adaptar uma vara para derrubar frutos ou cocos. Mas o tempo que ela gasta para encontrar os galhos adequados não pode ser usado para subir em árvores e colher frutos diretamente. A questão é que ela precisa abdicar de renda (comida) para ter tempo de produzir ou descobrir capital (a vara).

Talvez ela queira pescar. Isso significa que precisa de uma vara de pescar, de uma linha, um gancho, e talvez de algo que sirva de isca. Ou ela precisa de uma rede. No entanto, a não ser que encontre a rede por um feliz acaso (no depósito de mercadorias do navio), ela deve confeccioná-la. E ela não pode ser muito perfeccionista, ou vai morrer de fome antes de concluir o projeto.

Decisões embarcadas

Digamos que, no navio, exista uma pilha de bens que a pessoa ainda pode resgatar. Ela precisa improvisar uma jangada para levar esses bens para a margem. O navio está afundando lentamente, de modo que o tempo de que ela dispõe é limitado. Uma tempestade está surgindo no horizonte. Ela não pode levar tudo. O que ela resgata? O que é mais valioso para ela? Obviamente, ela toma uma decisão baseada no que acha que vai ser importante para ela na ilha. Tenta imaginar quais ferramentas serão mais valiosas levando em conta o seu novo ambiente.

Para ela, naquele momento, o valor de uma ferramenta nada tem a ver com o seu preço original. Ela pode optar por preservar um relógio sofisticado, ou um instrumento musical muito caro, mas provavelmente não vai fazer isso. Talvez escolha algumas facas, um espelho (para sinalização, caso algum navio se aproxime), um barril (para coletar a água da chuva) e algumas outras ferramentas simples que podem fazer a diferença entre a vida e a morte.

Resumindo, *o valor é subjetivo*. O economista usa uma linguagem sofisticada e diz que Crusóé atribui valor a recursos escassos. Ele decide quais são seus objetivos e depois faz uma estimativa do valor que cada ferramenta tem para ele mesmo. Em outras palavras, o valor de uma ferramenta é completamente dependente da produção esperada dessa ferramenta. Mentalmente ele calcula o valor futuro da produção esperada para cada ferramenta, e então faz julgamentos sobre a importância de uma determinada ferramenta em função dessa produção. Depois, ele calcula quanto tempo ainda resta antes de o navio afundar, quanto cada ferramenta vai somar ao peso total, qual o tamanho da sua jangada e quão turbulenta a água está. Ele escolhe sua pilha de ferramentas e outros bens com base nessas considerações.

Em outras palavras, *ele não olha para o passado no momento de avaliar o valor que um item tem para si; ele olha para o futuro*. O passado já se foi. Não importa quanto custavam originalmente, agora os bens são avaliados em função da renda (incluindo a renda psíquica) que se espera que eles produzam no futuro. Qualquer que tenha sido o custo deles no passado, este foi embora para sempre. Passado é passado. O economista chama isso de *doutrina de custos irrecuperáveis*, ou “custos afundados” (*sunk costs*). No caso de Crusoé, é exatamente isso que eles estão prestes a se tornar: afundados. Por isso, ele deve agir rapidamente para evitar perder tudo.

As condições oferecidas pela ilha são objetivas, e as diversas ferramentas também são objetivas, mas tudo é avaliado de maneira subjetiva por Crusoé. Ele faz a pergunta: “Qual é o valor deste item para mim?” Sua avaliação é o único fator determinante para o valor de cada item. Ele pode cometer erros. Ele pode redefinir o valor de cada item mais tarde, quando entender melhor suas condições na ilha. Ele pode desejar ter resgatado outro item no lugar de algum dos que ele pegou. A questão é que a sua decisão e a sua avaliação são as únicas coisas que importam, porque ele está completamente sozinho e somente ele determina o valor de cada item. Ele não pergunta: “Qual era o preço disso no passado?”. Em vez disso, ele pergunta: “Que bens e benefícios isso me trará no futuro?” Depois disso, ele faz suas escolhas. Ele separa os escassos meios de produção. Alguns ele coloca na jangada e o restante ele deixa para trás para afundar com o navio. Ele coloca seus itens prioritários na jangada e volta com eles para a praia.

Ele não se pergunta: “Qual era o preço de todas essas coisas antes de terem sido levadas para o navio?” A não ser que tenha a expectativa de ser resgatado rapidamente, permitindo-lhe, assim, revender os itens, ele não se importaria com essa questão. O que importa para ele quanto algum item específico custou no passado? Tudo que importa são quais serviços (renda não monetária) esse item lhe produzirá no futuro.

A função do dinheiro

O que o dinheiro tem a ver com tudo isso? Absolutamente nada. *Crusoé não usa dinheiro*. Ele apenas faz estimativas mentais do valor de alguma coisa em função do que ele acha que essa coisa será capaz de produzir no futuro. Se a produção de algum item específico não tem muito valor para ele no futuro, também não terá muito valor para ele hoje.

Suponha que ele realmente tenha poucas esperanças de ser resgatado. O navio está afundando. Sua jangada está quase abaixo do nível da água.

A tempestade está chegando. Ele precisa voltar para a terra rapidamente. No momento em que está descendo do navio para entrar na jangada, de repente lembra que o capitão do navio, segundo ele tinha ouvido, tinha um baú cheio de moedas de ouro. Será que Crusoé voltaria correndo para a cabine do capitão para tentar encontrar esse baú? Mesmo que tivesse tempo suficiente, e mesmo que soubesse de antemão onde encontrá-lo, será que ele arrastaria o baú até a beira do convés para tentar colocá-lo no bote? Será que ele jogaria as ferramentas no oceano para ter lugar para colocar o baú com as moedas de ouro? Obviamente não.

Mas dinheiro é riqueza, não é mesmo? Ouro é dinheiro. Por que não sacrificar algumas facas e alguns barris baratos para aumentar sua riqueza (dinheiro)? A resposta é simples: *numa ilha permanentemente deserta, dinheiro não é riqueza*. Portanto, ouro não é riqueza. Ouro é pesado. Ele tira o espaço das ferramentas. Ele afunda jangadas. Ele não é apenas inútil; ele é um risco.

O valor do dinheiro é determinado pelo que as pessoas que valorizam o dinheiro esperam poder fazer com ele no futuro. Um homem sozinho numa ilha deserta não consegue pensar em muitas utilidades que o dinheiro teria ali no futuro. Se permanecer sozinho pelo resto da vida, não há nada que o dinheiro possa fazer para ele.

Então o valor do dinheiro nesse exemplo é zero.

José no Egito

Agora vamos analisar um exemplo da Bíblia: a época da fome no Egito. José havia advertido Faraó que a fome chegaria, e durante sete anos os oficiais de Faraó separaram um quinto da colheita e o armazenaram em celeiros. E então veio a fome. As colheitas foram insuficientes. Os habitantes de Canaã também sofreram. Ninguém tinha comida o bastante.

Então, José arrecadou todo o dinheiro que se achou na terra do Egito e na terra de Canaã, pelo cereal que compravam, e o recolheu à casa de Faraó. Tendo-se acabado, pois, o dinheiro, na terra do Egito e na terra de Canaã, foram todos os egípcios a José e disseram: *Dá-nos pão; por que haveremos de morrer em tua presença? Porquanto acabou o dinheiro (Gn 47.14-15)*.

O que eles queriam dizer com “o dinheiro nos falta”? Eles simplesmente estavam dizendo que, comparado com o valor vital do cereal, o dinheiro não valia nada. Por que um homem, no meio de uma crise de fome, trocava por dinheiro o que lhe resta do seu precioso estoque de cereais? Que benefício o dinheiro traria? Ele queria vida, não dinheiro, e os cereais ofereciam vida.

Quando o dinheiro “faltou”, o seu valor caiu para quase zero. Por isso, para comprar comida, as pessoas foram forçadas a gastar todo o seu dinheiro. E então elas ficaram sem comida e sem dinheiro.

Respondeu José: Se vos falta o dinheiro, trazei o vosso gado; em troca do vosso gado eu vos suprirei. Então, trouxeram o seu gado a José; e José lhes deu pão em troca de cavalos, de rebanhos, de gado e de jumentos; e os sustentou de pão aquele ano em troca do seu gado (Gn 47.16-17).

Os egípcios foram insensatos? Afinal de contas, o gado e os cavalos eram úteis. Mas animais comem cereais. O cereal era valioso demais durante uma crise de fome para ser usado para alimentar os animais. O valor dos animais era proporcional ao que eles representavam em termos de comida, e, no Egito, a carne não duraria muito tempo. Animais mortos no deserto não permanecem valiosos por muito tempo. Por que não trocar animais por cereais que sobrevivem ao calor?

O único motivo de animais e dinheiro terem alguma utilidade para Faraó era que ele sabia que tinha comida suficiente para sobreviver à crise. Ele sabia que um dia a fome ia acabar. Desse modo, ao final da crise, ele seria o dono de toda a fortuna do Egito. Para ele, essa troca era um bom negócio, mas apenas porque ele tinha comida e um exército para protegê-la, e também porque ele dispunha do que acreditava ser o conhecimento correto sobre quando a crise de fome chegaria ao fim. José lhe havia dito que ela duraria sete anos.

Como ele possuía um excedente de cereais que ia além da própria necessidade de sobrevivência, e como ele tinha “informação privilegiada” sobre a duração da crise, o dinheiro e os animais eram valiosos para Faraó, embora não fossem valiosos para o povo. Por isso, a troca voluntária se tornou rentável para ambos os lados. Faraó trocou cereais por bens que se tornariam muito valiosos no futuro. Os egípcios trocaram bens com pouca utilidade para eles no presente por bens cuja utilidade era vital. Ambos os lados trocaram algo de menor valor por algo de maior valor. Ambos melhoraram sua situação econômica. Portanto, cada lado ganhou na transação.

Observe que não estamos lidando com a chamada “igualdade de troca”. Essa teoria diz que as pessoas trocam bens apenas quando eles são de igual valor. É verdade que no mercado os bens podem ter um preço igual, mas eles não têm valor igual na mente dos negociantes. No caso de trocas voluntárias, sempre estaremos lidando com *desigualdade de troca*. Uma pessoa deseja aquilo que outra pessoa possui mais do que deseja manter para si o que ela mesma já possui. Como cada um atribui maior valor àquilo que o outro possui, uma troca voluntária acontece.

No Egito, o dinheiro faltava. Na verdade, o cereal tornou-se a nova forma de dinheiro, embora a Bíblia não diga isso explicitamente. O que ela diz é que todos estavam dispostos a trocar o que possuíam e que tivesse tido valor no passado para comprar comida. No entanto, se todo mundo busca o mesmo item específico, então podemos dizer que esse item é o verdadeiro dinheiro.

As propriedades do dinheiro

Por que o cereal servia como dinheiro? Porque ele possuía as cinco características essenciais que todos os tipos de dinheiro devem ter:

1. Divisibilidade
2. Portabilidade
3. Durabilidade
4. Reconhecimento
5. Escassez (alto valor em relação ao volume e ao peso)

Normalmente, o cereal não funciona como dinheiro. Por que não? Por causa da característica número cinco. Uma tigela de cereais não tem muito valor, pelo menos não em comparação com uma tigela de diamantes ou uma tigela de moedas de ouro. O comprador pensa consigo mesmo: *há muito mais no lugar de onde isso veio*. Geralmente, ele está correto; há muito mais grãos de onde os grãos vêm. Porém, não durante uma crise de fome.

Por que divisibilidade? Porque você precisa contar as coisas. Duzentos gramas disso aqui em troca de uma unidade nova daquilo ali. Apenas cem gramas disso em troca de um usado daquilo ali. Tanto o comprador quanto o vendedor precisam conseguir realizar uma transação. O vendedor do “daquilo ali” usado pode decidir comprar mais três “daquilo ali” usados para se manter nesse ramo de “daquilo ali”, de modo que ele precisa, de alguma maneira, dividir o lucro da venda inicial. Isso significa divisibilidade: gramas, número de zeros num pedaço de papel ou seja lá o que for.

Portabilidade é óbvio. Não é um requisito absoluto. Li em algum lugar que os habitantes das ilhas de Yap, no Pacífico Sul, usam “rosquinhas” gigantes de pedra como forma de dinheiro. Elas são grandes demais para serem transportadas, mas servem como um sinal de riqueza, e as pessoas estão dispostas a dar bens e serviços para comprá-las. Na verdade, o que elas trocam é algum tipo de certificado de posse. Normalmente, no entanto, nós preferimos algo um pouco menor que rosquinhas gigantes de pedra. Quando vamos ao mercado, queremos levar nosso dinheiro conosco. Se

alguma coisa não pode ser transportada com facilidade, provavelmente não vai servir como dinheiro.

A durabilidade também é importante. Se a unidade monetária da sua escolha se desgasta ou apodrece facilmente, você vai precisar substituí-la regularmente. Isso significa problema. Um barril de peixes frescos num mundo sem refrigerador não servirá como dinheiro. Mas há exceções à regra da durabilidade. Os cigarros não são tão duráveis quanto o metal, mas já foram usados como dinheiro em todos os campos de prisioneiros de guerra do século 20. O seu alto valor por unidade de peso e volume supera o fator durabilidade. Além disso, eles se mantêm escassos: as pessoas continuam a fumar seu capital.

O reconhecimento é crucial se você pretende convencer alguém a negociar com você. Se não reconhecer o que você está oferecendo como dinheiro, a pessoa não vai arriscar perder a posse daquilo que você está tentando comprar. Se ela demorar muito para averiguar se aquilo é ou não dinheiro, isso vai consumir o tempo de todo mundo. Investigações desse tipo também não são isentas de custo. Portanto, os custos da transação sobem. As pessoas preferem lidar com dinheiro que seja conhecido. É mais barato, mais rápido e mais seguro.

Então dizemos que qualquer objeto com essas cinco características tem o potencial, em maior ou menor grau, de servir como dinheiro numa sociedade. Alguns objetos bem estranhos já foram usados como dinheiro ao longo da História: conchas do mar, garras de urso, sal, gado, pedaços de papel com o rosto de um político e até mesmo mulheres foram usadas (o problema com mulheres é o fator divisibilidade: metade de uma mulher é pior que nenhuma mulher).

O dinheiro como produto social

Já vimos que Robinson Crusóé não precisava de dinheiro na sua ilha. Depois fomos para o Egito antigo e encontramos uma sociedade que, a princípio, precisava de dinheiro. Mas quando veio a crise da fome, as formas antigas de dinheiro “faltaram”, não mais servindo como dinheiro. Talvez os cereais tenham se tornado a nova forma de dinheiro. Ou talvez nada substitua o dinheiro.

Esses exemplos devem nos dar algumas ideias preliminares a respeito do que o dinheiro é e como ele funciona. O dinheiro é usado em trocas. Como Robinson Crusóé está sozinho, ele não tem necessidade de dinheiro. Ele não pretende realizar nenhuma troca voluntária. Do mesmo